



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Wendland, Jaqueline

A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 45-56

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814104>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas

Jaqueline Wendland<sup>1</sup>  
Universidade de Lille III, França

## Resumo

A influência das interações pais-bebê no desenvolvimento social e afetivo infantil tem sido objeto de trabalhos nas últimas três décadas. Neste artigo, examina-se, de um ponto de vista teórico e metodológico, a evolução dos estudos na área das interações pais-bebês, particularmente no campo da clínica. Aponta-se também pontos que têm se revelado promissores no estudo das interações pais-bebê.

*Palavras-chave:* Interação; pais-bebê; desenvolvimento sócio-emocional.

## The Clinical Approach of Parent-Infant Interaction: Theoretical and Methodological Perspectives

## Abstract

The influence of parent-infant interaction on social and affective child development has been the subject of a number of studies in the past three decades. This paper focuses on the evolution of the studies in the parent-infant domain. This evolution is examined from a theoretical and methodological point of view, particularly in the clinical domain. Research themes that seem to be promising in this domain are also highlighted.

*Keywords:* Interaction; parent-infant; socio-emotional development.

As interações pais-bebê bem como o desenvolvimento social e afetivo da criança pequena têm sido objeto de numerosos estudos nas últimas três décadas. Grande parte destes estudos teve impulso a partir do reconhecimento do potencial social inato do bebê e de seu papel ativo já nas suas primeiras interações com os pais (Brazelton, 1982). A partir de então, multiplicaram-se os estudos sobre o desenvolvimento psicológico da criança no início do ciclo vital e suas interações com o mundo adulto. Estes estudos adotaram inicialmente uma perspectiva diádica (em particular a díade mãe-bebê) e mais recentemente, passaram a considerar a tríade mãe-pai-bebê ou o grupo familiar como um todo (Fivaz-Depeursinge, 1998a). Paralelos aos estudos observacionais e experimentais, muitos progressos nessa área têm tido origem na colaboração cada vez mais próxima entre pesquisadores e clínicos que trabalham com a primeira

que optamos por privilegiar na nossa área de atuação, ou seja, as interações.

## Das Concepções Psicanalíticas das Interações

Dentre as diversas perspectivas sobre o desenvolvimento social, as contribuições da escola psicanalítica ocupam um lugar de destaque. Muito em particular, de psicanalistas como Spitz (1969a, 1969b) sejam hoje em dia, as concepções psicanalíticas têm o mérito de terem iluminado as primeiras relações da criança com o mundo, fundamentais no desenvolvimento.

Uma revisão da literatura sobre o tema, apesar de despeito das discordâncias sobre

descrito em situação bastante passiva e pouco evoluída. A concepção de Spitz do neonato como isolado do mundo exterior e incapaz de perceber estímulos sensoriais é hoje ultrapassada. Sua ignorância quanto à possibilidade de aparecimento de sorrisos face a estímulos sociais (voz e rosto humano) muito antes da oitava semana de vida também foi criticada (Mazet & Stoleru, 1993). Todavia, apesar dessas críticas, Spitz merece destaque por ter sido um dos primeiros psicanalistas a ter utilizado, de maneira sistemática, a observação direta de bebês, ao vivo e através de filmes. Além disso, apontou para o caráter vital da relação mãe-filho, conforme ilustram seus estudos sobre a depressão anaclítica e o hospitalismo (Spitz). Pode-se também notar que Spitz já buscava identificar as patologias da interação no que ele chamava de descarrilamentos do diálogo mãe-bebê (Spitz, 1964). Da mesma forma, embora noções como autismo normal e fase simbiótica sejam hoje criticadas, os demais períodos do processo de separação-individuação descrito por Mahler permanecem atuais (Mazet & Stoleru). Além disto, por ter descrito estes períodos a partir da observação de crianças pequenas, Mahler também pode ser considerada como uma precursora na utilização desta abordagem.

Por outro lado, contrastando com os autores mencionados acima, a concepção de Klein (1969a, 1969b) dava ao bebê uma vida psíquica bastante elaborada, pois descrevia o ego como já presente desde o nascimento. Apoiada em observações feitas durante tratamentos psicanalíticos de adultos e crianças, para Klein o bebê era capaz de sentir angústia, empregar mecanismos de defesa e estabelecer relações primitivas de objeto tanto na fantasia como na realidade. Ainda que certos aspectos das concepções de Klein pareçam hoje inverossímeis, como a complexidade da vida psíquica que ela atribui ao bebê em um período em que a maturação cerebral não parece permitir tal riqueza, suas idéias deixaram marcas profundas nos estudos sobre a relação mãe-bebê,

dúvida, o destaque que têm merecido a Bowlby deve-se sobretudo às repercussões de sua teoria de saúde mental para as quais apontaram o desenvolvimento do vínculo afetivo (Greenberg, 1991). Por outro lado, em uma concepção concebida por um clínico e para auxiliar no diagnóstico e tratamento de distúrbios emocionais, Bowlby se disse surpreso ao constatar que sua teoria tinha gerado um impulso tão grande à pesquisa em desenvolvimento, mas apenas muito pouco influenciava o progresso da psicoterapia (Bowlby, 1988). Na medida em que os padrões de apego que a criança estabelece com o parceiro adulto passaram a ser considerados diagnósticos, suas idéias reforçaram o interesse da clínica e a pesquisa.

As concepções do apego de Bowlby foram bastante criticadas quando apresentadas à comunidade científica, especialmente porque elas divergiam da concepção de pai da psicanálise. Em correspondência com Lebovici, Spitz e Anna Freud chegaram a acusá-lo de ser um traidor da psicanálise de Freud (Bowlby, 1996). Segundo Bowlby (1969), toda criança tem uma necessidade social primária que, de acordo com ele, é satisfeita pelos contatos sociais com a mãe. Isso torna usualmente sua figura de apego. Por outro lado (Bowlby, 1959), o apego é decorrente do prazer que resulta pela satisfação das necessidades psicológicas e fisiológicas. A repetição de experiências que promove o desenvolvimento do apego está ligada aos momentos de prazer, a qual é considerada libidinalmente. Contrastando com a concepção de Bowlby, o apego decorre de predisposições não ligadas à satisfação de necessidades, mas à manutenção do contato e proximidade com o parceiro adulto.

Além disto, a teoria do apego contrasta com a concepção de autismo normal e período simbiótico de Mahler (Mahler, 1968). De acordo com a teoria de

comportamentos interativos influenciou profundamente os estudos sobre as interações pais-bebê.

### **O Estudo das Interações: Algumas Considerações Metodológicas**

Pode-se notar que, retrospectivamente, os estudos do bebê e de suas interações evoluem de uma perspectiva indireta, essencialmente psicanalítica, para uma abordagem mais direta e aberta a diversos campos das ciências. Na primeira perspectiva, sustentada por psicanalistas de abordagem ortodoxa, trata-se de reconstruir o bebê presente em cada ser humano através das lembranças das experiências infantis e de relatos de pacientes adolescentes ou adultos submetidos à psicanálise.

Segundo Cramer (1982), neste método, o material é transmitido via linguagem e, portanto, é mediado pela dimensão simbólica de seus significados, dizendo-nos mais acerca do funcionamento psíquico infantil do que sobre os conteúdos propriamente das experiências. Se por um lado estas experiências seriam, portanto, deformadas pelas elaborações sucessivas do paciente (trata-se da história de uma história, feita e refeita diversas vezes), por outro lado, poder-se-ia argumentar que o material evocado é também enriquecido pela dimensão simbólica da linguagem e pelo contexto terapêutico e transferencial da situação analítica. Estes últimos permitem ao analista o uso de interpretações para elucidar os significados latentes dos comportamentos ou eventos relatados pelos pacientes. No entanto, a singularidade da relação analista-paciente faz com que princípios básicos da pesquisa científica, tais como o grau de concordância entre os observadores e a replicabilidade do protocolo de estudo, não possam ser atingidos. Esta corrente tem sido defendida por psicanalistas como Green, para quem a psicanálise desenvolvimentista não estuda o bebê de Freud, que só pode ser apreendido pela sua ausência e, portanto, retrospectivamente (Green, 1979).

Contrastando com esta perspectiva mais clássica,

(Mazet, Cukier-Hemeury, Lato, 1989), bem como a restrição do comportamento humano a um modelo teórico, constituem algumas das limitações desta abordagem.

Seguindo em paralelo a estas abordagens, o emprego de métodos de observação da interação também deu origem a abordagens mais diretas. Nas abordagens psicanalíticas, a relação foi, durante décadas, considerada como uma relação de objeto, ou seja, paralisada pela libidinal de representações mentais. A abordagem ao relacionamento entre os sujeitos é a perspectiva que estuda diretamente a interação, é definida como representando os fenômenos visíveis entre o adulto e o bebê. O foco de investigação é voltado para a interação observável (Tronick, 1989).

A despeito das divergências entre estes métodos, pode-se dizer que a falta de pouca rivalidade persiste entre as abordagens indiretas, uma vez que pesquisas recentes proveíto de ambas as abordagens. Os clínicos passaram a admitir a necessidade de uma metodologia mais rigorosa, e os pesquisadores reconheceram a importância de, ao se estudar os comportamentos, ouvir a história da criança que os precederam, assim como as associações à criança, sua chegada ao mundo para seu futuro. Todavia, cada uma das linguagens e métodos distintos de diálogo entre pesquisadores e pacientes no campo da pesquisa em psicoterapia (Clarkin, Johnson & Parry, 1999).

Muito embora avanços importantes tenham sido observados nesta área, uma

& Visier, 1989; Stoleru & Le Mer, 1995). A busca de soluções para estes problemas deu origem a uma multiplicação de metodologias de coleta e de análise de dados, freqüentemente utilizadas de maneira associada (Lebovici e cols.). Mais recentemente, os estudos nesta área têm podido contar com o auxílio de programas informáticos que permitem um ganho de tempo importante na codificação e análise estatística dos dados (ex: *Interact*, Dumas, 1987; *The Observer*, Noldus, 1996).

Como já foi mencionado, a observação ocupa um lugar central nestes estudos e atualmente ela tem sido utilizada em diversos contextos: em laboratório, em instituições como creches e hospitais, assim como no ambiente familiar. Na maioria dos casos, a observação tem por objetivo avaliar a qualidade mais ou menos saudável das interações, as competências ou as atitudes de cada participante. Todavia, mais recentemente, a observação também tem sido utilizada como instrumento terapêutico, uma vez reconhecidos os efeitos positivos da atenção e do investimento afetivo que ela pode comportar (Houzel, 1989; Jardin, 1994; Lamour & Barraco, 1995; Lebovici, 1995).

Neste sentido, não é mais possível ignorar que a observação exerce uma influência e, em certa medida, modifica o objeto da observação. O observador, quando descreve ou filma uma diáde em interação, traz consigo seus afetos, seus modos de comunicação e expressão verbal, gestual e visual, aos quais os sujeitos observados reagem, fazendo o observador reagir em contra-partida. Ambos esperam algo do outro nesta relação: o observador procura o objeto de sua pesquisa e reage face ao que observa (por exemplo privilegiando ou evitando certos ângulos de filmagem), enquanto o observado espera uma ajuda, sente-se curioso ou mesmo inconscientemente estigmatizado ao ser objeto da observação. Neste sentido, pode-se falar em fenômenos de transferência e contra-transferência entre o observador e o observado (Lebovici, 1995; Lieberman, 1998).

Examinando-se a história - bastam os trabalhos na área das interações pais-bébé - que os primeiros estudos (cf. referências no próximo tópico), tanto de profissionais quanto de pesquisadores da pesquisa em psicologia do desenvolvimento, raramente descreviam a *interação* do bebê com o adulto. Na verdade, podemos dizer que os primeiros estudos focalizavam o *comportamento* do bebê, e não o que se ocupava dele, mas pouco se sabia sobre como ele reagia em presença do outro. Ora, o conceito de interação pressupõe a existência de dois parceiros e fenômenos que reagem reciprocamente (cf. Lebovici, 1973; Mazet e cols., 1989). Segundo Carvalho (1995), a interação é um evento que ocorre entre dois "indivíduos" (p. 514). Por outro lado, a interação bidirecional é portanto parte implícita de qualquer interação, durante décadas prevaleceu a ideia de um parceiro adulto (em geral a mãe) tendo sido o organizador das interações (ao mesmo tempo o principal, mas também único culpado por perturbações). Assim, falava-se em interações, mas estudavam-se comportamentos ou reações do bebê ou da mãe em determinadas situações, ocorrendo dentro de um contexto de observação. Os comportamentos podem ser considerados como reações ou interativos (Carvalho).

Atualmente, supõe-se que os estudos sobre a interação ultrapassado a soma de fatores maternos e infantis (cf. Lebovici e cols., 1989). Muitas das teorias e modelos mais recentes se inspiram na teoria transacional (cf. Escalona, 1975), por sua vez derivada da teoria da interação transacional introduzida por Escalona (1975). Esta teoria supõe que o ambiente e o indivíduo interagem com o outro num processo contínuo de desenvolvimento e mudança. De acordo com Emde (1995), a teoria transacional é bastante adequada para a compreensão das interações e do desenvolvimento psicológico em aspectos de continuidade, de adaptação e de mudança.

Por fim, também é importante ressaltar que os aspectos éticos das pesquisas são raramente evocados, embora a consideração dos riscos e a tomada de precauções sejam imprescindíveis, mesmo em situações aparentemente banais, mas sobretudo quando trabalhamos com populações que apresentam patologia ou risco (Lebovici, 1995). A garantia do anonimato, o direito de conhecer os resultados da pesquisa e de ser consultado quanto ao uso futuro das observações (para fins de ensino ou de divulgação científica) não podem ser negligenciados.

### **Interações Pais-Bebê: Contextos e Temas de Pesquisa**

Pode-se também traçar algumas observações quanto à evolução dos temas e contextos dos estudos na área das interações pais-bebê. De fato, como não poderia deixar de ser, não somente a motivação pessoal do pesquisador, mas mudanças sociais bem como circunstâncias históricas direcionaram as primeiras pesquisas. O contexto de pós-guerra, a crescente necessidade de se deixar as crianças na creche e a preocupação com os efeitos negativos das separações decorrentes destas situações tiveram um papel determinante na escolha de temas e contextos de pesquisa. Assim, pode-se observar que Spitz (1965) conjugou seu interesse na psicopatologia precoce à observação do bebê em condições bem particulares: em situação de isolamento e carência, em instituições que em nada lembram o ambiente familiar. Outros precursores tais como Anna Freud (1936/1949), Burlingham (Burlingham & Freud, 1942), David e Appell (1964), Goldfarb (1945), Robertson e mesmo Bowlby (Robertson & Bowlby, 1952) também fizeram observações notáveis de bebês e crianças pequenas, mas muitas vezes tratava-se de observar o bebê separado de sua mãe ou em interação com um cuidador substituto. De fato, Anna Freud e Burlingham tiveram a oportunidade de observar bebês afastados de seus pais durante os bombardeios de Londres (Burlingham & Freud, 1942). Pesquisas de natureza etológica

de maneira decisiva para a compreensão das interações em contextos hospitalares e escolares que se tornaram pequenas.

Um pouco mais tardias, as pesquisas de natureza etológica tornaram-se numerosas e relevantes para o estudo das interações pais-bebê, quanto metodológico (cf. estudos de Spitz (1965), Bowlby (1981), Tinbergen (1951) e Harlow (1966)). Antes de mais nada, cabe ressaltar que veio a ênfase na principal, na observação, de se estudar as interações: a observação minuciosa, para chegar à noção de competência, para avaliar o papel ativo desta última na interação com outras crianças (Bell & Harlow, 1966). A etologia é de ter salientado a importância do contexto natural, ou seja, do ambiente familiar da pessoa. Assim, deve-se notar que a etologia não trata de padrões de comportamentos, mas sim de os seres humanos, limita-se frequentemente a estudos de populações normais, em contraste com a psicopatológicos. Estes métodos de pesquisa bastante com aqueles dos psicólogos, teorizações mostravam o bebê como passivo e dependente, e cujas dificuldades em situações muitas vezes problemáticas eram vezes trágicas para a criança.

Do ponto de vista conceitual, Bowlby forneceu conceitos tais como o vínculo afetivo, fixo de ação, que tiveram repercussões na psicologia do desenvolvimento e na clínica. Por exemplo, a noção de vínculo afetivo de alguns estudos bastante corroborada por Bowlby e Kennel (1982), que mostraram a importância de contato mãe-recém-nascido para a qualidade do vínculo ulterior. Outros estudos estimularam mudanças de pensamento sobre a importância da

Paralelamente aos estudos etológicos e psicanalíticos, a partir da década de 60, os trabalhos em psicologia do desenvolvimento passaram a apontar para diferenças inter-individuais presentes desde os primeiros dias de vida do bebê, tanto do ponto de vista biológico como comportamental (Wolff, 1966). Destes estudos emergiu a noção de temperamento que, por sua vez, foi fundamental para o reconhecimento da individualidade de cada bebê (Chess, 1967; Thomas, 1968). Assim, reconheciam-se em cada bebê reações, preferências e ritmos próprios. Pouco a pouco, a constatação da complexidade dos comportamentos elementares (p.ex.: sucção, olhar), da precocidade dos comportamentos perceptivos e imitativos (Fantz, 1963; Meltzoff & Moore, 1977), e do caráter imediato do interesse pelo companheiro humano, fizeram do bebê um parceiro ativo na interação (Lewis & Rosenblum, 1974). Investigavam-se também nesta época os comportamentos reflexos (Prechtl & Beintema, 1968) e os estados de vigilância do bebê (Wolff). Estes últimos, como se sabe, determinam em grande parte a qualidade das respostas e reações do bebê aos estímulos e comportamentos do adulto. O bebê deixou de ser, portanto, uma criatura limitada, capaz apenas de comer, chorar e dormir e passou a ser o bebê ativo, competente e maravilhoso, que pode fazer de sua mãe a mais feliz e orgulhosa do mundo (Brazelton, 1997).

Brazelton, ao publicar e divulgar a utilização da *Escala de Avaliação do Comportamento Neonatal* (Brazelton, 1973) junto aos pais, deu impulso a numerosos estudos que integraram os conhecimentos sobre as competências do bebê à possibilidade de intervir e prevenir junto a diádes normais ou em situação de risco (Brazelton, Nugent & Lester, 1987; Gomes-Pedro e cols., 1987; Wendland & Piccinini, 1998; Wendland-Carro, Piccinini & Millar, 1999; Worobey & Belsky, 1982). Permitir aos pais que eles descubram e admirem as competências interativas de seu bebê pode ser um passo determinante na construção da relação que eles estabelecerão com seu bebê, sobretudo

Rovine & Taylor, 1984). Para se revelar, o bebê necessitava de um parceiro disponível. Assim, dois conceitos, com indissociáveis, deram origem a uma exploração das contribuições do adulto ao bebê: a sensibilidade (*sensitivity*) e a (*responsiveness*), sobretudo da figura materna (Bell & Stayton, 1974). Estes conceitos estão associados à teoria do apego, na qual são diretamente implicados na formação dos padrões de apego no bebê (Ainsworth, Wall, 1978; Bretherton, 1987). Muitas intervenções e propostas de prevenção dos distúrbios interativos têm por objeto destas capacidades no adulto que se cuidados do bebê (McDonough, 1995; 1995; Whitt & Casey, 1982). Estas puderam ser mais ou menos rapidamente de conceitos de base psicanalítica que a disponibilidade e o ajustamento da resposta, como, o estado de preocupação materna, a noção de mãe suficientemente boa (Winnicott, 1969), as antecipações criativas (Lebovici, 1983), a harmonização afetiva (Stern, 1985) e a disponibilidade emocional (Sorce, 1983). Estas noções descrevem o diálogo de intenções, afetos e sinais que se estabelece entre o bebê e seu parceiro e que condiciona o desenvolvimento da criança (Emde, 1992).

Vivemos hoje um momento de novas perspectivas e dos conhecimentos que sobre o bebê e as relações que ele estabelece. Assim, a dicotomia entre interações conteúdos intrapsíquicos cede pouco a novas concepções, que procuram integrar comportamentais quanto psicodinâmicas. Numa perspectiva diagnóstica e ter-

Por sua vez, Lamour e Lebovici (1991) preconizam o estudo das interações em três níveis: comportamental, afetivo e fantasmático. No primeiro, observam-se as interações visuais (ex.: troca de olhares, comportamento de esquiva do contato olho-a-olho), as interações corporais (ex.: qualidade dos contatos físicos, posturas adotadas), as interações vocais ou verbais (ex.: conteúdo das verbalizações maternas, choro do bebê, contingência das respostas vocais), os comportamentos de ternura (beijos, afagos, abraços) e os sorrisos. As interações afetivas dizem respeito ao clima afetivo das interações e à influência recíproca da vida emocional do adulto e do bebê. Situações patológicas como a de uma mãe deprimida com seu bebê mostram o quanto este último é capaz de perceber e de sofrer em consequência dos afetos negativos, da não-contingência ou da « inexpressividade » que lhe dirige sua mãe (Field, 1987).

Por fim, a interação fantasmática se define como a influência recíproca da vida psíquica da mãe e de seu bebê. Nesta perspectiva, estuda-se a maneira como os conteúdos psíquicos de ambos os parceiros se manifestam nas interações observáveis e o modo como os fantasmas de um respondem ou modificam os fantasmas do outro (Brazelton & Cramer, 1991; Kreisler & Cramer, 1981). O lugar ocupado pelo bebê na problemática psíquica de sua mãe (em particular, na resolução do conflito edipiano), do casal e na história transgeracional de sua família são aspectos fundamentais nesta abordagem. Além destes aspectos, conceitos como o do bebê imaginário e bebê fantasmático, assim como o de mandato transgeracional ilustram a importância que é dada às representações neste ponto de vista (Lebovici, 1983, 1994a, 1994b). A compreensão de como se articulam representações, fantasmas, projeções, afetos, desejos e comportamentos no desenrolar das interações constitui ao mesmo tempo o desafio e o mérito do estudo das interações segundo esta abordagem. Para tanto, a formação clínica psicodinâmica do pesquisador é considerada como

1988). As profundas mudanças e familiar têm questionado enquanto pai. Estas transformações paralelas na literatura psicológica pais ou pais modernos da década de 1980, falar da “paternagem”, designado (Hurstel, 1996; 1997), da paternidade, noção psicanalítica que explora a proximidade física pai-criança necessária à instalação da autoridade (Le Camus & cols., 1994) e dos pais imbuídos e diferenciados da mãe quanto à autoridade (1995, 1997), para chegar a uma noção suficientemente presentes (Zigler, 1995) conceito que se inspira nas noções de da sensibilidade materna nas interações do bebê (1969).

O lugar ocupado pelo pai é estudado de três perspectivas: seu papel, seus comportamentos (Le Camus, 1994, & Zaouche-Gaudron, 1997). Além disso, respeito às condutas socialmente prescritas e anunciadas, a função está ligada aos efeitos da presença do pai sobre a criança » (Le Camus, p. 27). Por isso, a paternidade e a « paternagem » são cuidados fornecidos pelo pai e avaliados no nível das interações observáveis. A deficiência do pai em um determinado domínio em muitos casos, repercussões na maneira como ela vive a gravidez e o desenvolvimento psíquico, assim como para a relação que estabelece com a criança (Clément, 1993; Levy-Strauss & Wendland, 1995, 1999).

O crescente reconhecimento da importância da interação contribuiu sem dúvida para a valorização, sobretudo para o estudo da



Apesar destas mudanças, levando a perspectivas cada vez mais amplas, observamos que o contexto social em que ocorrem as interações, no sentido ecológico preconizado por Bronfenbrenner há mais de duas décadas, continua pouco considerado nestas pesquisas (Bronfenbrenner, 1977). Embora os estudos interculturais correspondam em parte a esta perspectiva, raramente a família tem sido estudada enquanto parte inserida em um sistema mais amplo (bairro, comunidade, subgrupo cultural).

## Perspectivas Atuais e Considerações Finais

Os estudos atuais parecem dedicar menos interesse a questões metodológicas e divergências teóricas e focalizam sua atenção nas repercussões da qualidade das interações nos primeiros períodos da vida para o desenvolvimento ulterior do bebê. O estudo das interações entre o bebê e as pessoas que se ocupam dele em diferentes contextos e situações de vida tem implicações significativas do ponto de vista clínico. Sabe-se hoje que as perturbações destas interações constituem, em muitos casos, o único e primeiro indício de dificuldades ou perturbações em vias de instalação no bebê ou na criança pequena. Assim, o estudo das interações pais-bebê, na área da clínica, comporta uma dimensão preventiva evidente (Mazet & Feo, 1996), que tem influenciado tanto os objetivos quanto as metodologias de pesquisa empregados.

A colaboração entre pesquisadores de diversas áreas e de profissionais que tratam o bebê tem possibilitado a realização de estudos originais, interinstitucionais e interdisciplinares, por vezes seguindo novas modalidades, tais como a de pesquisa-ação-formação (Job-Spira, Lamour, Gabel, Chambrun & Lebovici, 1988). Neste último caso, o estudo pode comportar, além da pesquisa propriamente dita, uma ação sobre o meio ambiente, bem como a formação do pessoal engajado nos serviços que atendem pais e bebês.

ruptura com seu meio de origem (Morales & Stoleru, 1987; Stoleru & Morales-Huet, 1987; Deschamps, 1993; Wendland, 1999); b) famílias com problemas múltiplos (García, 1987; Harrisson & Magill-Evans, 1996); b) através de técnicas de reprodução assistida (inseminação artificial (Roegiers, 1999); situações. Estes estudos têm mostrado dificuldades ligadas ao contexto (familiar e econômico) quanto a presença de problemas mentais no bebê ou em sua família terem repercussões negativas nas interações pais-bebê. Não podem-se observar não somente perturbações no vínculo afetivo (ex.: carência de cuidados, negligência e maus-tratos, apego inseguro, comportamento), mas também a presença de problemas psico-funcionais no bebê, que evidenciam a interação entre o psíquico e o somático nas crianças. Além dos problemas do sono, perturbações respiratórias, alergias (Kreisler, 1995; Rolando, 1989; Wendland, no prelo). Além destes aspectos das interações pais-bebê também convém relacionar o clínico ao desafio de examinar as situações contéudos representados (ex. representações do bebê imaginário e fantasmático) e os contextos interagidos (interação comportamental) (Ammaniti, 1991; Stoleru, Morales & García, 1987).

Por fim, deve-se lembrar que, apesar de recentes avanços atuais os estudos interculturais (Bornstein, 1998; Fracasso, Lamb, Schoelmerich & Lamb, 1997; Stevenson-Hinde, 1998), uma visão mais ampla das diferenças sociais e particularidades culturais não só é necessária para a gerar estudos comparativos, mas também para serem levados em conta na formulação de métodos e intervenções terapêuticas do bebê e de sua família. Assim, a psiquiatria etnopsiquiatria (Moro, 1993; Nathan &...

Ao concluirmos este artigo, cabe uma breve revisão não pretende ser exaustiva dos tra

parece ser um campo fértil e relevante para a pesquisa e a prática de novas abordagens psicológicas.

## Referências

- Ainsworth, M.D.S., Bell, S.M. & Stayton, D.J. (1974). Infant-mother attachment and social development: « Socialization » as a product of reciprocal responsiveness to signals. Em M.P.M. Richards (Org.), *The integration of a child into a social world* (pp. 99-135). Cambridge: University Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M.C., Waters, E. & Wall, S. (1978) *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Ammaniti, M. (1991). Maternal representations during pregnancy and early infant-mother interactions. *Infant Mental Health Journal*, 12(3), 246-255.
- Baron-Cohen, S., Cox, A., Baird, G., Sweetenham, J., Nightingale, K.M., Drew, A. & Charman, T. (1996). Psychological markers in the detection of autism in infancy in a large population. *British Journal of Psychiatry*, 168, 158-163.
- Bell, S. M. & Ainsworth, M.D.S. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development*, 41, 291-311.
- Bell, R. & Harper, H. (1977). *Child's effects on adults*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Belsky, J. (1985). Experimenting with the family in the newborn period. *Child Development*, 56, 407-414.
- Belsky, J., Rovine, M. & Taylor, D.G. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project III: The origins of individual differences in infant-mother attachment: Maternal and infant contributions. *Child Development*, 55, 718-728.
- Birraux, A. (1995). Prefácio. Em G. Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birraux (Orgs.), *Modèles psychothérapeutiques au premier âge* (pp.19-23). Paris: Masson.
- Bornstein, M. H., Haynes, O.M., Azuma, H., Galperin, C., Maital, S., Ogino, M., Painter, K., Pascual, L., Pêcheux, M-G., Rahn, C., Toda, S., Venuti, P., Vyt, A. & Wright, B. (1998). A cross-national study of self-evaluations and attributions in parenting: Argentina, Belgium, France, Israel, Italy, Japan, and the United States. *Developmental Psychology*, 34, 662-676.
- Bornstein, M.H., Tal, J., Rahn, C., Galperin, C.Z., Pêcheux, M.G., Lamour, M., Toda, S., Azuma, H., Ogino, M. & Tamis-LeMonda, C.S. (1992). Functional analysis of the content of maternal speech to infants of 5 and 13 months in four cultures: Argentina, France, Japan and the United States. *Developmental Psychology*, 28, 593-603.
- Bowlby, J. (1951). *Soins maternels et santé mentale*. Genève: OMS.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol 1. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Brazelton, T. B. (1973). *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. Philadelphia: Lippincott.
- Brazelton, T.B. (1982). Le bébé partenaire dans l'interaction. Em T.B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schapi & M. Soulé, M. (Orgs.), *La dynamique du nourrisson* (pp. 11-27). Paris: ESE.
- Campos de Carvalho, M. I. & Rubiano, M. (1998). Crianças pequenas na creche: Análise p... compartilhada. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 1-10.
- Carvalho, A.M.A. (1988). Algumas re... interação social. *Reunião Anual da S...*, 18, 511-515.
- Censullo, M., Lester, B. & Hoffman, E. (1977). Mother-newborn interaction. *Nur...*, 10, 1-10.
- Chess, S. (1967). The role of temper... *Acta Paedopsychiatrica*, 23, 34-51.
- Cicchetti, D. & Greenberg, M. T. (1991). *Attachment and Psychopathology*, 3, 347-351.
- Clément, R. (1993) Monoparentalité et... Savet (Orgs.), *Parents au singulier*. M... 132) Paris: Editions Autrement.
- Cosnier, J. (1984). Observation directe... bases de l'épigenèse interactionnel... 126.
- Cramer, B. (1982). La psychiatrie du... Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, M. (Orgs.), *dynamique du nourrisson* (pp. 5-12) P...
- Cummings, E. M. & Davies, P.T. (1991). *Child development*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32, 1-10.
- Cupa-Pérard, D., Moinet, I., Chassin, J. (1994). Devenir père ou la gros... *Psychosomatique*, 37/38, 85-106.
- Cyrulnik, B. (1989). *Sous le signe du lien*. Paris: Odile Jacob.
- David, M. & Appell, G. (1964). Etude... dans une pouponnière. *Psychiatrie*, 29, 1-10.
- David, M., Lamour, M., Kreisler, A. & les nourrissons de familles carencées. *Psychiatrie*, 29, 1-10.
- Deschamps, J-P. (1993). Mères adolesce... Favre & A. Savet (Orgs.), *Parents au défi?* (pp. 190-203) Paris: Editions ...
- Dumas, J. E. (1987). Interact- A compu... ment system to assess family interac... in behavioral assessment of children and... Press.
- Emde, R.N. (1992). Génétique des ém... interminable). Em Ph.Mazer & S. ... chez le bébé et ses partenaires (pp. 59- 1...
- Emde, R. & Sorce, J.E. (1983). The rewar... and maternal referencing. Em J.D. ... (Orgs.), *Frontiers of infant psychiatry* (pp. 1-10).
- Escalona, S. (1968). *The roots of individua...*
- Fantz, R. L. (1963). Patterns of vision in... 297.
- Field, T.M. (1980). Interactions of pre... lower- and middle-class teenage

- Freud, S. (1959). Os dois princípios do suceder psíquico. Em J. Salomão (Org.) *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp.321-329). Rio de Janeiro: Delta. (Original publicado em 1911)
- Gillot de Vries, F., Detraux, J.-J. & Vanden-Eynde, S. (1998). Approche du vécu maternel suite à l'annonce d'une anomalie foetale. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie* (pp. 157-167) Paris: PUF.
- Goldfarb, W. (1945). Effects of psychological deprivation in infancy and subsequent stimulation. *American Journal of Psychiatry*, 102, 18-33.
- Goldfried, M. R., Borkovec, T. D., Clarkin, J. F., Johnson, L. D. & Parry, G. (1999). Toward the development of a clinically useful approach to psychotherapy research. *Journal of Clinical Psychology*, 55, 1385-1405.
- Gomes-Pedro, J., Monteiro, M.B., Carvalho, A. Patrício, M.F., Garcia, F.T. & Barbosa, A. (1987). Early intervention and mother-infant interaction during the first three months of life [Resumo]. Em *The International Society for the Study for Behavioral Development* (Org.). *Resumos ISSBD* (p.67). Tóquio: Wiley.
- Gottman, J. M. & Ringland, J. T. (1981). The analysis of dominance and bidirectionality in social development. *Child Development*, 52, 393-412.
- Green, A. (1979). L'enfant modèle. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 19, 27-48.
- Greenspan, S. & Lieberman, A. (1980). Infants, mothers and their interactions. A quantitative approach to developmental assessment. Em S.I. Greenspan & G.H Pollock (Orgs.), *The course of life* (Vol. 1 pp. 271-310). Washington: Government Printing Office.
- Greenspan, S., Wieder, S., Nover, R., Lieberman, A., Lourie, R. & Robinson, M. (1987). *Infants in multirisk families*. Madison: International Universities.
- Haft, W.L. & Slade, A. (1989). Affect attunement and maternal attachment. *Infant Mental Health Journal*, 10(3), 157-172.
- Harlow, H. F. & Harlow, M. K. (1966). Learning to love. *American Scientist*, 54, 244-272.
- Harrison, M. J. & Magill-Evans, J. (1996). Mother and father interactions over the first year with term and preterm infants. *Research in Nursing and Health*, 19(6), 451-459.
- Houzel, D. (1989). Penser les bébés. Réflexions sur l'observation des nourrissons. *Revue de Médecine Psychosomatique*, 19, 27-38.
- Hurstel, F. (1996). Rôle social et fonctions psychologiques du père. *Informations Sociales*, 56, 8-17.
- Hurstel, F. (1997). Identité masculine, inversion des rôles parentaux, fonction paternelle. *Enfance*, 3, 411-423.
- Isabella, R.A., Belsky, J. & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25, 12-21.
- Jardin, F. (1994). Une stratégie de soins précoces du bébé et de la parentalité. Apport de l'observation analytique du bébé en crèche à des fins thérapeutiques. *Devenir*, 6(2), 87-103.
- Job-Spira, N., Lamour, M., Gabel, M., Chambrun, J. de, & Lebovici, S. (1988). Recherche-action sur la prévention de la maltraitance chez le très jeune enfant: Méthodologie et premiers résultats. *Archives Françaises de Pédiatrie*, 45(4), 277-285.
- Klaus, M. & Kennel, I. (1982). *Parent-infant bonding*. St.Louis: C.V. Mosby.
- Kumar, R. & Hipwell, A.E. (1996). Development of a scale to assess mother-infant interaction in a psychiatric unit. *British Journal of Psychiatry*, 169, 18-26.
- Lamb, M.E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266.
- Lamour, M. (1989). Les nourrissons de parents psychopathologiques. Em S. Lebovici & F. Weil-Halpern (Orgs.), *Psychopathologie de l'enfance* Paris: PUF.
- Lamour, M. & Barraco, M. (1995, abril-junho). Dançar com o risco. L'observation des nourrissons co-therapeutique. *Dialogue*, 81-92.
- Lamour, M. & Lebovici, S. (1991). Les interactions parentales: Evaluation et modes d'aborder les thérapies. *Psychiatrie de l'enfant*, 34(1), 171-182.
- Le Camus, J. (1995). *Pères et bébés*. Paris: L'Harmattan.
- Le Camus, J. (1997). Présentation du numéro. *Enfance*, 3, 1-2.
- Le Camus, J., Labrell, F. & Zauouche-Gaudron, C. (1995). *Le développement de l'enfant*. Paris: Nathan.
- Lebovici, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste*. Paris: PUF.
- Lebovici, S. (1994a). Les interactions fantasmatiques. *Revue de Psychiatrie*, 37/38, 39-50.
- Lebovici, S. (1994b). L'homme dans le bébé. *Revue de Psychiatrie*, 3, 661-680.
- Lebovici, S. (1995). Techniques de l'observation du bébé. Em S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé (Orgs.), *Nourrissons et adolescents* (pp. 549-561). Paris: PUF.
- Lebovici, S. (1996). John Bowlby décrit à travers quatorze ans. *Bulletin WAIMH - France*, 3(2), 4-5.
- Lebovici, S., Mazet, P. & Rosevègue, P. (1990). Des parents collaborent à une recherche psychopathologique: interactions très précoces en vue d'une action thérapeutique. *Revue de Psychiatrie*, 27, 70-75.
- Lebovici, S., Mazet, P. & Visier, J.P. (1989). Avant-propos. Em P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions parentales* (pp. 9-12). Paris: ESHEL.
- Lemaire, J-G & Fivaz, E. (1989) L'organisation familiale et la psychopathologie du bébé. Em S. Lebovici & F. W. (Orgs.), *Psychopathologie du Bébé* (pp.89-106). Paris: PUF.
- Levy-Shiff, R. (1982). The effects of father absence on the development of mother-headed families. *Child Development*, 53, 100-105.
- Lewis, M. & Rosenblum, L. A. (1974). *The effect of father absence on the child*. New York: John Wiley.
- Lieberman, A. (1998). A perspective on infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, 19(1), 11-12.
- Lorenz, K. (1981). *The foundations of etology*. New York: Norton.
- Lyra, M. C., Pantoja, A. P., Cabral, E. A. & de Souza, A. (1998). O vocal do bebê: construção partilhada pela diáspora portuguesa. *Pesquisa*, 11(1), 1-6.
- Mahler, M. (1963). Thoughts about development and the infant. *Psychoanalytic Study of the Child*, 18, 307-324.

- Mazet, P., Cukier-Hemeury, F., Latoch, J., Rosenblum, O. & Sitbon, H. (1989). Etude historique et critique. Em S. Lebovici, P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires* (pp. 15-39). Paris: ESHEL.
- Mazet, P. & Feo, A. (1996). Interactions précoces e recherche. *Pour la recherche*, 9, 2-6.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (1993). *Psychopathologie du nourrisson et du jeune enfant*. Paris: Masson.
- McDonough, S. (1995). L'aide à l'interaction: Une technique pour le traitement des troubles relationnels précoces. Em G. Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birraux (Orgs.), *Modèles psychothérapeutiques au premier âge: De la théorie à l'intervention* (pp. 225-237). Paris: Masson.
- Mead, M. (1962). La carence de soins maternels du point de vue de l'anthropologie culturelle. *OMS*, 14, 44-62.
- Meltzoff, A. & Moore, M.K. (1977). Imitation of facial and manual gestures by human neonates. *Science*, 198, 75-78.
- Montagner, H. (1988). *L'attachement, les débuts de la tendresse*. Paris: Odile Jacob.
- Moro, M. R. (1993). Coconstruire l'interaction parents-enfants: Du sens culturel au sens individuel. Em A. Yahyaoui (Org.), *Destins de femmes, réalités de l'exil*. (pp. 199-216) Grenoble: La pensée sauvage.
- Moro, M.R. & Mazet, P. (1998). Parents et enfants « sans larmes ». Nécessité d'une approche psychologique et culturelle de la périnatalité. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie*. (pp. 489-504) Paris: PUF.
- Murray, L. (1998). L'impact de la dépression du post-partum sur le développement de l'enfant. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie* (pp. 287-298). Paris: PUF.
- Nadel, J. (1986). *Imitation et communication entre jeunes enfants*. Paris: PUF.
- Nathan, T. & Moro, M.R. (1989). Enfants de « djinné »: Evaluation ethno-psychanalytique des interactions précoces. Em S. Lebovici, P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires* (pp. 307-339). Paris: ESHEL.
- Newman, M.G. & Castonguay, L.G. (1999). Reflecting on current challenges and future directions in psychotherapy: What can be learned from dialogues between clinicians, researchers, and policy makers? *Journal of Clinical Psychology*, 55, 1407-1413.
- Noldus Technology Inc. (1996). *The observer*. Professional system for collection, analysis and management of observational data. Documento comercial publicitário. Wageningen (Holanda).
- Papousek, M. (1998). *Regulatory functions of preverbal communication: Compensatory support and failures*. [Resumos] Em *The International Society for the Study of Behavioral Development* (Org.), *Resumos ISSBD* (p. 317). Basel: H. Leidenfrost AG.
- Prechtl, H.F.R. & Beintema, J. (1968). *The neurological examination of the full-term newborn infant. Clinics in developmental medicine* (n°28). London: Spastic International Medical Publications & Heinemann Medical.
- Robertson, J. & Bowlby, J. (1952). Responses of young children to separation from their mother. *Courrier du Centre International de l'Enfance*, 2, 131-142.
- Robert-Tissot, C., Rusconi-Serpa, S., Bachman, I-P, Besson, G., Cramer, B., Stambak, M. & Barrière, M. (1983). *Les*
- Stern, D.N. (1977). *Mère, enfant. Les premières*
- Stern, D.N. (1985). La conversation d'a 121.
- Stevenson-Hinde, J. (1998). Parenting in *Developmental Psychology*, 34, 698-700.
- Stoleru, S. (1995). Le couple et le projet sage à la parentalité. *Neuropsychiatrie*
- Stoleru, S. & Le Mer, M.N. (1995). Pro recherche. Présentation de l'entretien *Devenir*, 7(3), 55-75.
- Stoleru, S., Morales, M. & Grinschpourt matique de la grossesse à l'interac *l'Enfant*, 28(2), 441-484.
- Stoleru, S. & Morales-Huet, M. (1989). *familles à problèmes multiples*. Paris: PU
- Thomas, A.S. (1968). *Temperament and be* New York University Press.
- Tinbergen, N. (1951). *The study of i* Press.
- Trad, P. V. & Kernberg, P. F. (1995). L' à court terme et ses implications c Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birr au premier âge: De la théorie à l'interven
- Tronick, E.Z. & Cohn, J.F. (1989). Inf Age and gender differences in co miscoordination. *Child Development*,
- Von Bertalanffy, L. (1973). *Théorie généra*
- Weil-Halpern, F., Veber, F., Blanche, (1989). Conséquences de l'infection les interactions mère-bébé. Em S (Orgs.) *L'évaluation des interactions p* 295-304). Paris: ESHEL.
- Wendland, J. (1995). *Les pièges du « être l* *générationnelle et risques de la monopar* Diploma Universitário de Psicopa Universidade Paris XIII, Paris, Fra
- Wendland, J. (1999). *Devenir mère en centre et comparative auprès de jeunes mères* Psicologia Clínica não-publicada. Ur
- Wendland, J. (no prelo). Problemas psi de uma investigação junto à jovem Gilles (Org.), *Hospitalização do bebê: Agalma*.
- Wendland, J. & Piccinini, C. (1998). visant à favoriser la qualité de l' *l'enfant*, 61(1), 187-217.
- Wendland-Carro, J., Piccinini, C. & Mil intervention on enhancing the

Zaouche-Gaudron, C. (1997). La différenciation paternelle et le père suffisamment présent. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, 45(3), 153-161.

Sobre a autora:

**Jaqueline Wendland**

Psicóloga, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil) e Doutora em Psicologia Clínica (Universidade de Paris XIII, França). Professora de Psicologia Clínica e Psicopatologia na Universidade de Lille III (França) e psicóloga clínica na Unité Petite Enfance, Hospital Pitié-Salpêtrière, Paris (França).